



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

Release

Pesquisadoras falam de criação na linguagem como resistência a uma educação tradicional

Keliane Vale - DRT 436/TO

O artigo “Fissurar a educação por entre escrita-deriva” fala de uma escrita e uma educação que apresentem digressão e apostem na criação de palavras, de uma escrita singular; um entretecer e entremear e entrever planos gerados por encontros e forças que possam compor outros chãos para a educação por meio de uma escrita-deriva, como aquilo que resiste e inventa um povo por vir.

De autoria de Alda Regina Tognini Romaguera, doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp, e Maria dos Remédios de Brito, professora da Universidade Federal do Pará, mestre, doutora e pós-doutora em Filosofia da Educação, o texto fala do jogo da educação, que começa quando a escrita e a linguagem forem postas como possibilidades variantes. “Se a educação quer legislar, codificar o corpo por todos os lados como se fosse a rainha da moral, a escrita, por outro lado, pode ser uma arma política de resistência quando coloca presente a ausência. Fissurar a educação pela escrita é saber que a mesma não compõe uma verdade”, pontuam.

A ideia que as autoras defendem é a de que pela criação na linguagem, se resiste a uma educação unificante e formadora que faz da palavra dogma,

palavra ordem, comando. Segundo elas, a educação dogmática perpassa por um código linguístico fechado, não se comunica na educação, “quando o professor fala é para dar ordem, fazer representar, prescrever. Sair desse campo minado da lei e da moralidade não é fácil, mas entendemos a fundamental importância de por a educação em deriva, criar outros modos de lidar com a gramática, com a escrita de modo que nesse conjunto seja importante inventar componentes de expressão que não estejam ligados somente à feitura universalizante”, consideram.

As autoras questionam “O que significa pensar a educação pela singularidade e na singularidade? Ou mesmo por devires?”. E consideram que se ficarmos restritos a coordenadas representacionais e dogmáticas que (en)travam modos de existir, não nos aproximamos de possibilidades de singularização. “Do mesmo modo que se pode entrar pelo meio. Sim, pois devir não é regredir e nem progredir, é simplesmente um intermezzo, um movimento nômade, variante, pondo em desconforto as certezas, as polaridades que contaminam a educação representacional. Não se muda por progressão, mas por criação, maquinações”, explicam.

Assim, elas desafiam a movimentar uma vontade de resistir ao aprisionamento de ideias, ao modo como os discursos e as práticas instituídas nos capturam e nos paralisam, diminuindo possibilidades de inventar. “Lançar-se ao desafio de romper com a reprodução, na tentativa de pensar com/por outros movimentos, que se fazem na/pela repetição que difere, abrindo possibilidades de produzir pensamentos na educação”, finalizam.

Como Citar a pesquisa

ROMAGUERA, Alda Regina Tognini; BRITO, Maria dos Remédios de. FISSURAR A EDUCAÇÃO POR ENTRE ESCRITA DERIVA....**Revista Observatório**, Palmas, v. 4,



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

n. 1, p. 89-114, jan. 2018. ISSN 2447-4266. Disponível em:
<<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4311>>. Acesso em: (data de acesso). doi: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p89>.